

**MUSEU DE CAFÉ***Correio Popular*
Conceição Arruda TOLEDO16
3
73

Reportando ainda à palestra proferida no SESC, na noite de 16-2 último, pelo Prof. Odilon Nogueira de Matos, na abertura do Seminário "Nossa Cidade — Humanização e Lazer", subordinada ao tema "Cultura e Povo", lembramo-nos de que o conferencista lastimara não houvesse sido preservada intacta, uma fazenda de café, para que as novas gerações tomassem conhecimento ao vivo, de como se processavam a sua cultura e colheita, o tratamento de expurgo, lavagem e secagem nos tradicionais terreiros, e o seu beneficiamento, para daí passar à torrefação, moagem e preparo da bebida mais brasileira do país, utilizando-se dos antigos e rudimentares maquinários, podendo-se, posteriormente, estabelecer comparação com os métodos atuais, chegando mesmo ao café solúvel, última etapa de seu desenvolvimento e industrialização.

Indaguei, então, do Prof. Odilon, acerca do projetado "Museu do Café", anunciado há tempos pela imprensa, dizendo que teríamos muito brevemente, nos moldes daquele a que se referira o orador, ali junto à Lagoa do Taquaral. O Prof. Odilon respondeu-me dizendo desconhecer a existência de tal projeto. Que seria obra do IBC, de acordo com apartes esclarecedores dos assistentes. Não me dei por satisfeita e remexendo meu "arquivo", (se é que se possa assim chamar ao amontoado de recortes sobre coisas da cidade), encontrei uma página inteira de um jornal local, datado de 14-9-69 — um longínquo domingo — adiantando-nos que "ali, numa área aproximada de 13 alqueires, o IBC está construindo o seu primeiro Museu do Café, para mostrar ao público como se fazia o plantio e colheita da rubiácea nos tempos de antanho, e como se faz hoje, com processos modernos, passando por toda a evolução que os anos de prática trouxeram. Nada menos que 6 bilhões de cruzeiros antigos serão empregados na obra, que deverá estar concluída definitivamente, em 1971, segundo os cálculos dos engenheiros responsáveis pelo projeto."

Tudo de acordo com o que pensara o Prof. Odilon!

Mas façamos uma pausa para os comentários: Pelo visto, tudo quanto se projeta em Campinas, quer da alçada municipal, estadual ou federal, fica incompleto. Projeta-se, gasta-se uma fábula, marca-se data para o término das obras, e depois, tudo cai no esquecimento, fica paralizado, deteriorando-se com o passar do tempo, sem nenhum escrúpulo pela dilapidação do dinheiro suado pago pelo contribuinte, jogado fora em obras fantásticas que não chegam nunca ao termo.

Neste pormenor — "Museus" — Campinas chega a ser protótipo! O Museu Histórico Municipal continua nas calendas gregas, depois de uma dúzia de sugestões sobre o "local ideal", que foi recentemente assegurado por S. Exa. o Governador do Estado, depois de uma visita especial do seu Secretário de Turismo ao prédio da Mogiana.

Nem o Governo do Estado encontrou solução para a instalação do nosso Museu Municipal!

Agora ficou provado que também na alçada federal fomos burlados com o projetado Museu do Café — ótimo assunto para os nossos vereadores, já que há na Câmara um movimento para que o café, feito à moda cabocla, seja servido em Viracopos. Por que não indagam a respeito do que há de positivo sobre o assunto, e qual a razão da interrupção das obras, que, vamos e venhamos, olhadas cá de fora, não estão

nada a desejar!... Principalmente em confronto com a urbanização do Parque Portugal, aquelas ruínas de telhas, paiol, ou o que lá tenha sido, causam espécie e necessitam ser, pelo menos, removidas.

Voltando à reportagem de 14-9-69: "Uma fazenda colonial, com os usos e costumes da época colonial, dotada de senzala e outras dependências comuns dos tempos de nossos avós, está sendo "construída" pelo Instituto Brasileiro do Café, na conhecida Fazenda do Taquaral, ou Fazenda Galvãozinho, situada às margens da lagoa do pitoresco bairro de Campinas, e que deverá se constituir em mais um centro de atração turística para a cidade."

No decorrer da reportagem ficamos sabendo que a casa estava sendo reconstruída com material original, desde as telhas até aos mobiliários, que pertenceram ao bisavô de José Bonifácio Coutinho Nogueira, — um dos antigos proprietários das terras. E ainda: "Os engenheiros estão caprichando para que não somente a "casa grande" como todas as dependências da fazenda retratem fielmente as instalações de uma fazenda de café dos idos de 1700."

"Suas linhas coloniais serão mantidas a risco, dando ao visitante a impressão de estar voltando ao passado." "As tradicionais janelas inteiriças e o gradil da varanda, em madeira trabalhada serão relocalados, trazendo para o século XX todo o bucolismo de 200 anos passados."

Segundo a reportagem, o último proprietário da fazenda foi Joaquim Bento Alves de Lima, que a vendera ao IBC, há mais de dez anos, e que somente na presidência do sr. Caio Ancântara Machado, resolveu transformar o local em Museu do Café, para perpetuar de maneira categórica, a evolução da cafeicultura no Brasil. Enumerando o que o Museu teria, além da "casa grande", da senzala, da colônia, seria introduzidas diversos sistemas de plantação do café, desde os mais remotos até os ultra-modernos; seriam reconstruídos os estábulos, o bosque com árvores seculares e o zoológico, com animais e aves do Brasil.

E de mais coisas, muitas outras, conta o projeto, que pelo visto, não passou de projeto... Os construtores de tal "Monumento" eram: Fezonato & Pimenta, de São Paulo.

Sinceramente, esse pessoal de São Paulo vem aqui, faz seus estragos, passa o conto em toda uma população, leva seu bom dinheirinho, e cai fora!

Lembram-se do "Ateneu" e do "Cesário Mota"? E mais recentemente, de um determinado hospital de Campinas?

Não sei a quem cabe o dever de zelar para que essas coisas não se repitam; mas que não podem continuar, não podem!

A Fazenda Taquaral, se não se concretizar o prometido, dando-nos o Museu do Café, — como há em Ribeirão Preto, na fazenda que pertenceu ao cel. Francisco Schmith, e que tive a oportunidade de visitar, cheia de admiração e saudade, — que pelo menos o IBC cuide das aparências externas, dando-lhe o trato que merece, e que a população de Campinas julga merecer, pelo muito que a cidade contribuiu nos áureos tempos dos senhores do café, proprietários das mais ricas fazendas brasileiras, carreando divisas para o país, quando não conhecia a era industrial que hoje é uma auspiciosa realidade.

Ai está, Prof. Odilon, o motivo daquela interrogação durante o Seminário: eu tinha a certeza de que já possuíamos o Museu do Café, tal como o senhor idealizara! Não era para estar concluído definitivamente em 71?